

O PATRIARCADO AFRICANO NA PROSA DE OUSMANE SEMBÈNE

AFRICAN PATRIARCHY IN THE PROSE OF OUSMANE SEMBÈNE

Sílvio Marcus de Souza CORREA*

Resumo: Da primeira geração de cineastas da África subsaariana, destaca-se o senegalês Ousmane Sembène (1923-2007). Seus dois últimos filmes, *Faat Kiné* (2000) e *Moolaadé* (2004), contêm uma visão crítica do patriarcado africano. Essa crítica sembeniana já aparece no seu livro intitulado *Voltaïque* (1962). Acontece que a arte cinematográfica de Ousmane Sembène tornou-se mais conhecida internacionalmente do que a sua arte literária. Sessenta anos depois da publicação de *Voltaïque*, o presente artigo trata do patriarcado africano a partir de três novelas desse livro. Em termos teórico-metodológicos, optou-se por uma análise temática e transversal da prosa de Ousmane Sembène para deslindar suas críticas ao patriarcado e ao sistema poligâmico africanos. Procura-se demonstrar como as novelas “Ses trois jours”, “Souleymane” e “Lettre de France” contêm alguns elementos sociológicos e históricos para a análise da condição feminina sob o patriarcalismo que, mais tarde, ganharam destaque no marxismo feminista de Silvia Federici (2019) e na “reflexão subsaariana” de Odome Agone (2021). Na vanguarda da crítica francófona ao patriarcalismo africano, a prosa sembeniana antecipou também àquela da sua compatriota Mariama Bâ no que concerne à inscrição do patriarcado na literatura senegalesa. Por fim, conclui-se que as três novelas já referidas revelam uma literatura engajada na missão de emancipar homens e mulheres num contexto de independência política dos países africanos e novos projetos de sociedade pós-colonial.

Palavras-chave: Literatura. Ousmane Sembène. Senegal. Patriarcado. Poligamia.

Abstract: Senegalese Ousmane Sembène (1923-2007) stands out among the first generation of filmmakers from sub-Saharan Africa. His last two films, *Faat Kiné* (2000) and *Moolaadé* (2004), offer a critical view of African patriarchy. His cinematographic art has become more internationally known than his literary art although this criticism also appears in his book entitled *Voltaïque* (1962). Adopting a thematic and transversal analysis of three novellas from that book, this paper aims to unravel Ousmane Sembène’s criticisms of the African patriarchy and polygamous system. It seeks to demonstrate how the novellas “Ses trois jours,” “Souleymane” and “Lettre de France” contain some sociological and historical elements for the analysis of the female condition under patriarchy that later gained prominence in the feminist Marxism of Silvia Federici (2019) and in “Sub-Saharan reflection” by Odome Agone (2021). At the *avant-garde* of the French-speaking critique of African patriarchy, Sembène’s prose also anticipated that of his compatriot Mariama Bâ in Senegalese literature. The analysis points that the three novels reveal a literature engaged in the mission of emancipating men and women in a context of political independence of African countries and new projects of post-colonial society.

Keywords: Literature. Ousmane Sembène. Senegal. Patriarchy. Polygamy.

Résumé: Le Sénégalais Ousmane Sembène (1923-2007) est le grand nom de la première génération de cinéastes d'Afrique subsaharienne. Ses deux derniers films, *Faat Kiné* (2000) et *Moolaadé* (2004), contiennent un regard critique sur le patriarcat africain. Cette critique sembenienne apparaît déjà dans son livre intitulé *Voltaïque* (1962). Il est vrai que l'art cinématographique d'Ousmane Sembène est devenu plus connu internationalement que son art littéraire. Soixante ans après la publication de *Voltaïque*, on traite le sujet du patriarcat africain à partir de trois nouvelles de ce livre. Sur le plan théorique-méthodologique, il s'agit de mener une analyse thématique et transversale de la prose

* Doutor em Sociologia pela Westfälische Wilhelms-Universität Münster, Alemanha. Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: silvio.correa@pq.cnpq.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0364-6590>.

d'Ousmane Sembène pour mieux saisir ses critiques du patriarcat africain et du système polygame. On cherche à démontrer comment les nouvelles “Ses trois jours”, “Souleymane” et “Lettre de France” contiennent des éléments sociologiques et historiques pour l'analyse de la condition féminine sous le patriarcat qui ont ensuite pris davantage de l'ampleur dans le marxisme féministe de Silvia Federici (2019) et dans la “réflexion subsaharienne” chez Odome Agone (2021). À l'avant-garde de la critique francophone du patriarcat africain, la prose sembénienne a aussi anticipé celle de sa compatriote Mariama Bâ à propos de l'inscription du patriarcat dans la littérature sénégalaise. Les trois nouvelles choisies pour cette étude révèlent une littérature engagée dans la mission d'émancipation des hommes et des femmes dans un contexte d'indépendance politique des pays africains et de nouveaux projets de société postcoloniale.

Mots-clés : Littérature. Ousmane Sembène. Sénégal. Patriarcat. Polygamie.

Introdução

Para abordar o patriarcado africano na prosa de Ousmane Sembène, o referencial teórico do presente artigo tem por base as contribuições de Silvia Federici (2019) e Odome Agone (2021). Se Federici demonstra como o marxismo feminista pode contribuir para uma crítica ao capitalismo patriarcal, Agone evoca um feminismo africano para pensar o patriarcalismo e o racismo. Ambas tratam do binômio sexismo e racismo e ressaltam a necessária “desnaturalização” das relações sociais, raciais e de gênero para a análise do sistema patriarcal. Silvia Federici identificou um ângulo morto na visão de Marx sobre a acumulação primitiva. Em seu livro *Calibã e a bruxa* (2017), a autora destaca o trabalho doméstico das mulheres. Se Marx deu ênfase à produção e ao trabalho assalariado, Federici destaca a reprodução e o trabalho não pago. Mesmo que Marx tenha reconhecido a importância das formas de reprodução da vida cotidiana, o trabalho feminino como uma das formas de acumulação primitiva do capitalismo foi negligenciado em sua análise¹.

Como demonstra a sua breve história das mulheres e da acumulação primitiva, “[...] a construção de uma nova ordem patriarcal, que tornava as mulheres servas da força de trabalho masculina, foi de fundamental importância para o desenvolvimento do capitalismo” (FEDERICI, 2017, p. 232). Para a autora, o trabalho doméstico feminino não pago não seria algo residual de uma era pré-capitalista, mas uma forma de acumulação fundamental ao desenvolvimento do capitalismo patriarcal (FEDERICI, 2019).

¹ Para Federici (2019, p. 195), “[...] a análise do capitalismo feita por Marx foi prejudicada por sua incapacidade de conceber o trabalho produtor de valor de outra forma que não seja a da produção de mercadorias, e sua consequente cegueira quanto à importância do trabalho reprodutivo não remunerado realizado pelas mulheres no processo de acumulação primitiva”.

Na literatura africana dos últimos anos, escritoras como Scholastique Mukasonga (2018) e Fatou Diome (2019) têm elegido o patriarcado africano como um dos temas principais de seus romances. Esses dois exemplos podem corroborar a tese de Odome Agone sobre o retardo da crítica francófona ao patriarcado africano feito por escritoras africanas. Acontece que as primeiras críticas de um feminismo africano ao patriarcado já se encontram no livro *La Parole aux négresses*, da antropóloga e ativista senegalesa Awa Thiam (1978). Na primeira e na segunda partes do livro, mulheres relatam sobre a sua condição feminina sob o patriarcado africano e questionam certas práticas tradicionais como a excisão, a clitoridectomia, a infibulação, o casamento arranjado e a poligamia. A autora discute ainda o papel da religião muçulmana como legitimadora dessas tradições africanas.

Alguns elementos da crítica feminista de Awa Thiam em torno do casamento arranjado, da poligamia e da religião como uma ideologia que “naturaliza” o gênero feminino estão presentes nas novelas do seu compatriota Ousmane Sembène, que já abordava o patriarcado africano a partir de uma perspectiva inovadora desde o início da década de 1960. A crítica sembeniana ao patriarcado africano tem elementos de um marxismo feminista *avant la lettre*, notadamente em algumas novelas do livro *Voltaïque*, publicado em 1962 pela editora Présence Africaine. A partir de três novelas desse livro, discute-se a seguir sobre o patriarcado e o sistema poligâmico africanos através do drama de três personagens mulheres.

Literatura como missão emancipadora

Desde o seu primeiro livro, intitulado *Le docker noir* e publicado na França em 1956, o senegalês Ousmane Sembène (1923-2007) fez da prosa uma forma de emancipação². A literatura deveria contribuir para uma consciência libertária não apenas de quem escreve, mas também de quem lê. Na década de 1960, a linguagem cinematográfica viria a ser mais do que suplementar à linguagem literária de Ousmane Sembène. Embora ambas as linguagens pudessem ser complementares, o reconhecimento nacional e internacional da obra sembeniana deu mais destaque aos seus filmes do que aos seus livros. Não cabe aqui discorrer sobre a desigual recensão crítica das suas obras cinematográfica e literária³. Para os propósitos do presente artigo, a ênfase recai sobre a literatura como uma missão emancipadora na obra sembeniana. Nos romances e nas novelas de Ousmane Sembène, há um conjunto de temas que é

² Antes da prosa, Ousmane Sembène havia experimentado a pintura e a poesia (VIEYRA, 2012, p. 19).

³ Sobre a obra literária e cinematográfica de Ousmane Sembène, ver, por exemplo, Bourhane (2008), Murphy (2001), Gadjigo (1996), Mbengue (1982).

problematizado com o fito de despertar a consciência do público leitor (CORREIA, 2018). Entre outros temas, destacam-se o patriarcado e a poligamia, bem como sua relação estrutural com as sociedades africanas (DIAGNE, 2004).

Na aurora das independências africanas, Ousmane Sembène escreveu uma dezena de novelas, nas quais a maioria dos acontecimentos se passa entre 1958 e 1961⁴. Em 1962, um livro de novelas foi publicado sob o título *Voltaïque* pela editora *Présence Africaine*. Uma delas foi adaptada para o cinema pelo próprio autor. Em 1966, o filme *La Noire de...* (70 min) ganhou o prêmio Jean Vigo no Festival de Cannes (VIEYRA, 2012, p. 57). A adaptação cinematográfica da novela homóloga foi o primeiro filme de longa-metragem de Ousmane Sembène. A crítica foi unânime e pavimentou o caminho internacional do cineasta. As demais novelas do livro não tiveram o mesmo destino de “La Noire de...”, apesar de algumas resenhas lisonjeiras da crítica literária de periódicos francófonos.

No caso de “La Noire de...”, o trágico desfecho de Diouana, informado nas primeiras páginas da novela, aparece apenas no final do filme⁵. A diferença na ordem narrativa dos acontecimentos não comprometeu a abordagem sobre os temas principais, como o sofrimento, a desilusão e a frustração de uma jovem mulher africana. Em “La Noire de...”, a cooperação franco-senegalesa ganha contornos neocoloniais, e a família burguesa e patriarcal revela a exploração capitalista no microcosmo doméstico. Além das críticas ao neocolonialismo e à sociedade capitalista, outras mais minuciosas sobre certas tradições africanas aparecem nas demais novelas do livro *Voltaïque*.

Depois de três romances, *Voltaïque* marcou a estreia de Ousmane Sembène como novelista⁶. Sessenta anos depois da primeira edição desse livro, algumas novelas contêm temas relevantes aos estudos pós-coloniais e aos estudos de gênero. A seguir, tratarei do patriarcado africano e do sistema poligâmico em três novelas (“Ses trois jours”, “Souleymane” e “Lettres de France”) para demonstrar como a prosa de Ousmane Sembène antecipou aquela da sua compatriota Mariama Bâ no que concerne à inscrição do patriarcado na literatura senegalesa. Procuo ainda aproximar os principais temas dessas três novelas com a questão central da análise marxista feminista de Silvia Federici (2017, 2019) e do feminismo africano de Odome Angone (2021), o que confirma o pioneirismo da literatura engajada de Ousmane Sembène em

⁴ As exceções são a novela *La Mère* e a última novela que empresta o seu nome ao título do livro, que remontam ao período pré-colonial.

⁵ No filme *La Noire de...*, o cineasta introduziu uma máscara africana como metáfora de uma (re)apropriação cultural que não há no conto homólogo.

⁶ Os primeiros romances de Ousmane Sembène são *Le docker noir* (1956), *Ô pays, mon beau peuple* (1957) e *Les Bouts de bois de Dieu* (1960).

prol da emancipação de homens e mulheres em relação ao patriarcado.

“Por que nós aceitamos ser o brinquedo dos homens?”

Na novela “Ses trois jours” (Seus três dias), o direito/dever no sistema poligâmico de uma esposa em dispor do seu marido é pretexto para colocar em questão a opressão do patriarcalismo africano e da poligamia como seu corolário. Noubé, a terceira esposa de Mustafá, prepara-se para receber o seu marido durante os seus três dias. Se as duas primeiras esposas não representam mais uma concorrência para ela, o mesmo não acontece em relação à quarta esposa. Mais jovem do que Noubé, a quarta esposa aparece como a responsável pelo atraso de Mustafá. Os dias passam e a ansiedade da espera dá lugar à frustração, à desilusão e ao ressentimento. A ausência de Mustafá faz Noubé refletir sobre a sua condição de mulher, esposa e mãe numa sociedade assente no patriarcado.

Durante a ausência do seu marido, Noubé havia percebido a perfídia e a hipocrisia das relações entre as esposas e constatou que isso fazia parte de um universo comum a todas as mulheres no sistema poligâmico. Ela teve vontade de sair desse círculo vicioso. Perguntou a si mesma: “Por que aceitamos a ser o brinquedo dos homens?” (SEMBÈNE, 2013, p. 61)⁷.

Na companhia de dois amigos, o marido chega a sua casa nas últimas horas do seu terceiro dia. Ela o trata com despeito na frente dos demais; Mustafá revida, e Noubé tem um ataque do coração. Na perspectiva dos homens, a mulher é uma megera. O marido resume o ocorrido às mulheres que, atraídas pelo grito de Noubé, aproximam-se e perguntam o que houve: “- Nada... Seu coração simplesmente! Olhai o que fez essa louca. Um dia o seu ciúme vai lhe matar. Eu não vim vê-la... dois dias apenas, e ela grita como um bezerro.” (SEMBÈNE, 2013, p. 71)⁸. Enquanto ela é acudida pelas mulheres, Mustafá e seus dois companheiros deixam a casa. Reproduzo o diálogo dos homens:

- Desde que elas têm associações, essas bugras, elas acreditam que vão poder dirigir o país, diz um dos homens.
- Não sabes tu que, em Bamako, elas votaram uma moção condenando a poligamia... que Deus nos livre de uma só mulher, acrescentou o segundo homem.
- Pois elas têm mais que ir trabalhar, objetou Mustafá ao sair da casa (SEMBÈNE, 2013, p. 71)⁹.

⁷ Texto original: “ Pourquoi acceptons-nous d’être le jouet des hommes? ”.

⁸ Texto original: “ - Rien... Son cœur simplement ! Regardez ce qu’elle a fait cette folle. Un jour sa jalousie l’étranglera. Je ne suis pas venu la voir... deux jours seulement, et elle crie comme un veau ”.

⁹ Texto original: “ - Depuis qu’elles ont des associations, ces bougresses, elles croient qu’elles vont diriger le pays, dit l’un des hommes ”.

- Ne sais-tu pas qu’à Bamako, elles ont voté une motion condamnant la polygamie... Que Dieu nous garde d’une seule femme... ajoute le deuxième homme.

A narrativa sobre o drama da personagem Noubé revela uma mulher sobrecarregada com as tarefas domésticas e com a guarda de cinco filhos. Tem-se ainda uma violência simbólica do patriarcado já que Noubé resente colocar às vezes o seu dever de esposa à frente do seu dever de mãe¹⁰. Para os seus três dias com o marido, ela ainda pede dinheiro emprestado, compra fiado e cozinha pratos especiais. Ousmane Sembène aborda, nessa novela, a naturalização dos papéis femininos, como mãe e esposa, a poligamia e o trabalho doméstico não pago. Este último sequer é reconhecido pelos homens como fica evidente no diálogo supracitado¹¹.

“É o nosso fardo de mulheres!”

Na novela intitulada “Souleymane”, a poligamia, a religião muçulmana e o direito costumeiro são alvos de uma crítica irônica que desvela contradições, ambiguidades e hipocrisias. Souleymane é o *bilal* de uma mesquita. Em casa, ele tiraniza suas três esposas com seus vícios. Na juventude, ele fora incorporado a um regimento de artilheiros senegaleses que fez todas as campanhas coloniais por volta dos anos 1920. No outono da vida, ele decide ter uma quarta esposa, uma jovem, da idade de sua filha primogênita. Ao mesmo tempo, protegido pela sua boa reputação na comunidade e pela admiração dos fiéis, ele segue assediando impunemente jovens que se aproximam da fonte de água em frente à mesquita: “As jovens não ousavam se queixar. Quem as ouviriam? Um homem tão pio! Um homem que tem três esposas? Quem?... As vítimas deviam se calar, ou se defender” (SEMBÈNE, 2013, p. 143)¹².

Quanto mais o velho assediava as jovens indefesas, mais ele desprezava suas três esposas dentro de casa. A violência doméstica era cada vez mais frequente e suas esposas se resignavam: “- É nosso fardo de mulheres! Nós devemos ser pacientes. Os homens são nossos donos, segundo a vontade de Deus. Qual é a esposa que seu marido nunca bateu?” (SEMBÈNE, 2013, p. 141)¹³. Em público, o *bilal* se mostrava outro, o que fazia os fiéis não duvidarem que ele tivesse os seus motivos para ser tão severo com suas esposas. Não tardou para que o taciturno Souleymane fosse visto como um “mártir da poligamia”. O lenitivo para o seu caso

- Elles n'ont qu'à aller travailler, alors, objecta Mustaphe qui sortit de la maison”.

¹⁰ Texto original: “Elle ne voulait pas que son mari la considère moins que les autres co-épouses, la trouve plus radine. Elle ne négligeait pas son devoir de mère, mais celui d'épouse passait devant... en certains moments”.

¹¹ Essa desvalorização do trabalho feminino no caso africano pode ser explicada por outros fatores do que aqueles apresentados por Silvia Federici (2017) para o caso europeu.

¹² Texto original: “Les filles n'osaient pas se plaindre. Qui les croirait ? Un homme si pieux ! Un homme qui atois épouses ? Qui ?... Les victimes devaient se taire, ou se défendre”.

¹³ Texto original: “- C'est notre lot de femmes! Nous devons être patientes. Les hommes sont nos maîtres, après Dieu. Quelle est l'épouse que son mari n'a jamais touchée?”.

seria uma quarta esposa.

- Suas esposas lhe envenenam a existência. É preciso fazer alguma coisa, diz um.
 - Nós devemos lhe encontrar uma quarta esposa.
 - É isso!... lhe encontrar uma quarta esposa que limpará as sujeiras das outras.
- (SEMBÈNE, 2013, p. 143)¹⁴.

A escolha recaiu sobre a jovem Yacine N’Doye. Ela não pretendia casar com o velho. O pai de Yacine tinha os seus interesses e acreditava que o *bilal* poderia dar à filha muito mais do que qualquer jovem. Três anos depois do casamento, o ardor de Souleymane não era mais o mesmo. A jovem esposa pretende retornar à casa paterna. O seu pai recusa recebê-la e alega que não tem como restituir o dote ao seu marido. Sem poder pedir divórcio, ela acaba por ter um amante. O marido parece conivente com a situação, mas a vinda de um segundo filho vem abalar a acomodação. Souleymane recusa batizar o filho do amante de sua esposa. Sem acordo entre o casal, Yacine retorna para a casa paterna com seus dois filhos. O marido reivindica seus direitos para reaver o seu filho e seus bens. Apela aos notáveis, pois não houvera litígio. Diante deles, Yacine não pede o divórcio. Ela se acha no direito de guardar seus filhos e seus bens. Se o marido pretende reavê-los, então, que ele lhe devolva a sua virgindade, exige Yacine. Por fim, os notáveis se encontram numa situação embaraçosa e que pode levar a nova matéria de jurisprudência.

Ousmane Sembène trata a religião e o direito como elementos ideológicos de uma superestrutura da sociedade africana (SALL, 2007). Critica, igualmente, a poligamia e o casamento arranjado, o controle da reprodução biológica e o direito sobre a prole como dispositivos do patriarcado africano.

“Sou vítima de uma miragem”

A novela “Lettres de France” (Cartas da França) tem a forma epistolar e a narrativa na pessoa de uma jovem mulher de origem senegalesa e que vive na cidade portuária de Marselha. A destinatária de suas missivas é uma amiga de infância. As cartas não trazem nenhuma data, mas alguns eventos permitem datá-las aproximadamente, sendo as primeiras do início de 1958, as penúltimas do final de setembro e as últimas de outubro do mesmo ano¹⁵.

A jovem Nafi declarou à sua amiga que ela tinha sido “vítima de uma miragem”. Nem

¹⁴ Texto original: “- Ses épouses lui empoisonnent l’existence. Il faut faire quelque chose, dit l’un.

- Nous devons lui trouver une quatrième épouse.

- C’est ça !... lui en trouver une quatrième qui effacera toute la crasserie des autres”.

¹⁵ Em sua correspondência, Nafi informa que chegara ao porto de Marselha há seis meses, o que permite inferir o seu desembarque no verão de 1957.

o seu septuagenário marido correspondia à imagem do retrato que o seu pai havia lhe mostrado, nem a França era aquilo que ela sonhara. Desde o seu desembarque, Nafi vivia enclausurada num pequeno quarto de hotel, e as fronteiras do seu “novo mundo” eram ainda menores do que aquelas da comunidade africana de Marselha.

Eu vivo enclausurada, entre as paredes de um hotel cheio, feio, úmido, infecto, sem água e quarto de banho. [...] Eu não estou na França... ao menos não naquela que era objeto de nossos sonhos, que alimentava nossas ambições. Eu estou num outro mundo. Um mundo sombrio, lúgubre, que me oprime, que me assassina a pequenos golpes, dia após dia. (SEMBÈNE, 2013, p. 75 e 77)¹⁶

Duplamente desiludida, com o casamento arranjado e com a sua estadia na França, a jovem mulher desconfia ter sido ludibriada pelo seu próprio progenitor, pois foi ele quem lhe mostrara o retrato de um belo homem, que residia em França e que pretendia casar-se. Entretanto, o velho Demba não somente havia perdido a beleza de outrora como também o seu emprego. Vivia miseravelmente e passava os dias a vender noz de cola para os membros da diáspora africana e para alguns brancos que começavam a reconhecer os benefícios de consumi-la. Para Nafi, o seu casamento havia sido urdido no silêncio e ela penava a concordar com a sua amiga sobre uma conspiração na qual o seu pai teria sido um dos artífices. Para ela, era “muito desagradável saber disso.” (SEMBÈNE, 2013, p. 83)¹⁷. Demba enviava algum dinheiro ao pai de Nafi, como ela mesma informou numa carta: Quanto ao meu pai, ele escreve ao meu “marido”. Este último lhe envia dinheiro. Quando eu penso, ou mais exatamente quando a dúvida destila seu veneno em meu coração, eu me mortifico. Todo o amor filial se vai. (SEMBÈNE, 2013, p. 91)¹⁸.

Uma vez grávida, Nafi sente-se ainda mais infeliz e desesperada. Sem recursos próprios para retornar ao país natal, ela descarta a possibilidade de pedir o divórcio. Ao agradecer os conselhos da amiga, ela questiona as leis dos homens.

Obrigado pelos teus conselhos. Eu sei que me casei à moda muçulmana. Meu casamento não tem validade perante a lei. Mas de que lei? Aquela feita pelos homens? Ou aquela feita pela moral dos homens? Eu posso ir embora daqui. É verdade! Mas irei bater em qual porta? Não esqueça que não tenho dinheiro para

¹⁶ Texto original: “Je vis cloîtrée, entre quatre murs d’un hôtel garni, laid, sale, humide, infect, sans eau, ni w.-c. [...] Je ne suis pas en France... tout au moins pas celle qui faisait l’objet de nos rêves, alimentait nos ambitions. Je suis dans un autre monde. Un monde maussade, lugubre, qui m’opprime, m’assassine à petits coups, jour après jour”.

¹⁷ Texto original: “Seulement, il est très désagréable de savoir cela”.

¹⁸ Texto original: “Quant à mon père, il écrit à mon ‘mari’. Ce dernier lui envoie des effets. Quand je pense, ou plus exactement quand le doute distille son venin dans mon cœur, je me mortifie. Tout amour filial s’envole”.

pagar a passagem Marselha-Dacar. (SEMBÈNE, 2013, p.90)¹⁹.

Seu infortúnio não diminui a sua perspicácia. Ela demonstra uma observação acurada ao descrever Demba e seus contemporâneos africanos como homens que gostam de falar do passado, do tempo quando eram jovens. O caráter deles se formou conjuntamente, e a mentalidade de um era idêntica a dos demais. Nafi via esses homens orientados pelas lembranças do passado em defasagem diante das mudanças do presente. Eles falavam de coisas desconhecidas de sua geração. Para Nafi, eles encarnavam o drama do exílio e não podiam mais retornar à África, pois seriam ainda mais estrangeiros. Afinal, a terra natal não era mais aquela da reminiscência nostálgica da juventude passada daqueles homens. Nafi emite ainda o seu parecer sobre a ilusão dessa geração de Demba: “É a falência de uma política, de um mundo: de anciões que de uma resistência passiva tinham aceitado a dominação do estrangeiro. É esta quase total submissão alimentada pela promissora facilidade eterna e futura” (SEMBÈNE, 2013, p. 80-81)²⁰.

Trata-se de um processo de acomodação da comunidade de africanos na sociedade francesa que não exclui os eventuais conflitos internos. Entrementes, a comunidade da diáspora africana em Marselha havia construído o seu próprio mundo, onde Nafi via-se como uma prisioneira. O patriarcado africano era reproduzido no seio da comunidade de exilados, assim como os arranjos matrimoniais e outros costumes africanos.

Durante a sua gravidez, Nafi passa por situações humilhantes, como, por exemplo, ao pedir um emprego para o seu marido. Demba consegue, finalmente, um trabalho num navio. A sua ausência temporária favorece a aproximação de Nafi e Arona. Seus dias parecem melhores na companhia de Arona. Apesar disso, Nafi experimenta outros constrangimentos em situações criadas por Arona. No final de setembro de 1958, Nafi deu à luz uma menina. Seu marido havia retornado. Ele estava com câncer. Restava-lhe pouco tempo de vida. Quinze dias depois da morte de Demba, a viúva anuncia a sua amiga o seu retorno ao país natal.

Numa das cartas, a remetente informa que escreveu muito. “Eis uma longa carta!” (SEMBÈNE, 2013, p. 89)²¹. Não pude me furtar de ver nessa frase uma antecipação de uma

¹⁹ Texto original: “Merci pour tes conseils. Je sais que je suis mariée à la mode musulmane. Mon mariage n’est pas valable vis-à-vis de la loi. Mais de quelle loi ? Celle faite par les hommes ? Ou celle faite par la morale des hommes ? Je peux partir d’ici. C’est vrai ! Mais à quelle porte, irais-je frapper ? N’oublie pas que je n’ai pas de sous pour payer mon passage Marseille-Dakar”.

²⁰ Texto original: “C’est la faillite d’une politique, d’un monde : des anciens qui d’une résistance passive avaient accepté la domination de l’Etranger. C’est cette presque totale soumission nourrie de la prometteuse facilité éternelle et future”.

²¹ Texto original: “Voilà une longue lettre !”

outra tão longa carta e cujo conteúdo confidencial para uma amiga tem algumas similaridades. Refiro-me ao romance epistolar *Une si longue lettre*, da escritora senegalesa Mariama Bâ, publicado pela primeira vez em 1979. Nesse seu primeiro livro, a escritora escolheu a forma da correspondência, por meio da qual as cartas da remetente Ramatoulaye Fall à sua destinatária Aïssatou revelam suas ilusões, seus momentos de felicidade, assim como as suas desilusões e seus momentos de tristeza. O conteúdo das cartas informa sobre a resiliência, sobre a sujeição e sobre as formas sutis de resistência feminina numa sociedade patriarcal e poligâmica. Em termos de modelo narrativo, o seu romance epistolar foi precedido da novela “*Lettres de France*”, de Ousmane Sembène, mas essa anterioridade na literatura senegalesa não foi ainda alvo da atenção dos especialistas. Por exemplo, Cheryl Tomam (2003) comparou o gênero do romance epistolar de Mariama Bâ e Calixthe Beyala sem levar em conta o primado da mencionada novela na literatura senegalesa.

Além do recurso narrativo, o conteúdo das cartas permite abordar algumas questões das experiências femininas no quadro poligâmico do patriarcalismo africano. Em “*Lettres de France*”, tem-se uma crítica ao casamento arranjado, à cumplicidade dos pais e às leis muçulmanas que fazem da mulher quase uma escrava pelo contrato matrimonial. Ousmane Sembène destaca mais uma vez o trabalho não pago das mulheres. Nafi cuida do seu marido idoso e enfermo e ainda do seu bebê. Como ela mesma escreve para a sua amiga, “eu não tenho tempo para cuidar de mim” (SEMBÈNE, 2013, p. 113)²². A comunidade africana em Marselha é também alvo da crítica sembeniana na medida em que ela reproduz o patriarcado africano alhures.

A crítica sembeniana como precursora de um feminismo africano

Em recente livro, Odome Angone (2021) propôs uma “reflexão subsaariana” sobre o retardo da crítica francófona ao patriarcado africano. Sua análise sobre a estrutura patriarcal é, sem dúvida, uma importante contribuição ao pensamento feminista africano. Porém, o suposto atraso da crítica francófona em comparação com aquela formulada em língua inglesa não se verifica quando levadas em conta as análises de Awa Thiam no final da década de 1970, bem como as suas propostas para um feminismo africano. Se Awa Thiam e Odome Angone destacam a importância das mulheres africanas e da diáspora africana a reivindicar o direito à palavra, a elaborar seus próprios discursos sem a intermediação de outrem, escusado é lembrar que o feminismo não visa apenas à emancipação das mulheres (ADICHE, 2014).

²² Texto original: “Je n’ai même pas le temps pour m’occuper de moi”.

Nos romances e nas novelas de Ousmane Sembène, o patriarcado e o sistema poligâmico africanos foram tratados a partir de uma visão inovadora na literatura africana que destacava o protagonismo de suas personagens femininas (SYLLA, 2008; RUFA'L, 1983). Aissatou Diop-Hashim (2011) destacou, em sua tese, o pioneirismo do escritor e cineasta senegalês para o feminismo africano²³.

Ousmane Sembène fez parte da geração de escritores africanos como Mongo Béti, Camara Laye, Ferdinand Oyono e Cheick Hamidou Kane. Essa geração “pós-*Négritude*” abordou questões sociais em seus romances que, geralmente, tinham o protagonismo de personagens das classes trabalhadoras.

Os três primeiros romances de Ousmane Sembène são exemplos dessa nova literatura africana dos meados do século XX. Depois de *Le docker noir* (1956) e *Ô pays, mon beau peuple* (1957), o romance *Les Bouts de bois de Dieu* (1960) inaugura uma abordagem feminista na literatura sembeniana. Como ressalta Bouba Tabti-Mohammedi (2014, p. 13), sua simpatia pelas pessoas humildes, que enfrentam diariamente problemas para sobreviver – e com as quais ele conviveu durante toda a sua vida – explica a sua crítica sem complacência à religião, a certas tradições africanas e à condição feminina numa sociedade poligâmica. Personagens como Niakoro, Penda, Ramatoulaye, Mama Sofi e Dieynaba, entre outras, revelam um “mundo feminino” complexo e, mesmo que plasmado pelo patriarcado, em transformação pela própria ação das mulheres.

Os romances e as novelas do escritor senegalês abordam o patriarcado a partir de uma visão marxista e feminista que antecipa a análise de Silvia Federici sobre o trabalho doméstico das mulheres como uma forma de acumulação fundamental para o desenvolvimento do capitalismo. No entanto, encontram-se, na prosa sembeniana, uma África pré-capitalista e uma outra neocolonial em muitos aspectos.

Além das novelas “*Ses trois jours*”, “*Souleymane*” e “*Lettres de France*”, a crítica sembeniana ao patriarcado e à poligamia aparece na sua novela *Xala* (1973). Em 1974, houve uma adaptação cinematográfica pelo próprio autor²⁴. Em *Xala*, o escritor e cineasta senegalês trata com ironia da impotência de um homem ambicioso. A figura impotente de El Hadji Abdoukader Beye serve de analogia para uma burguesia africana incapaz e gananciosa e cujo poder se reproduz internamente por meio do patriarcado africano e da poligamia. Em *Xala*,

²³ Patrick McDonald (2015) tem uma interpretação mais nuançada, sobretudo no que tange ao terceiro romance de Ousmane Sembène.

²⁴ A análise de Maria Vrancken (2020) sobre os cúmplices, as vítimas e os adversários da poligamia demonstra algumas variantes entre a obra literária e a sua adaptação cinematográfica.

Ousmane Sembène valeu-se do humor como um recurso pedagógico para denunciar o arrivismo de uma burguesia nacional do período pós-colonial (VRANCKEN, 2020, p. 99).

A crítica de Ousmane Sembène ao patriarcado, ao casamento arranjado e à poligamia foi precursora na primeira geração de cineastas africanos. Alguns anos depois do sucesso cinematográfico de *Xala*, Paulin Soumanou Vieyra anunciou, numa entrevista para Pierre Haffner (1978), o roteiro para um novo filme que se chamaria *La promesse des fleurs* (*A promessa das flores*). O tema central seria o casamento arranjado, mas o filme nunca foi realizado.

Se Ousmane Sembène foi um dos primeiros escritores e cineastas africanos a demonstrar como o patriarcado, o casamento arranjado e a poligamia eram empecilhos à emancipação de suas personagens femininas, vários romances e filmes africanos passaram a tratar desses temas no final do século XX. Para ficar num exemplo, o filme de curta metragem *La petite vendeuse de Soleil* (1999), de Djibril Diop Mambéty, aborda as dificuldades de uma menina no mercado informal de trabalho. Nesse filme, a jovem Sili decide vender jornal e passa a ser alvo dos ataques de meninos que não aceitam a concorrência feminina numa atividade até então exclusivamente masculina nas ruas de Dacar.

Da filmografia de Ousmane Sembène, os dois últimos filmes, *Faat Kiné* (2000) e *Moolaadé* (2004), consagram a sua visão crítica da tradição patriarcal africana. Em ambos os filmes, algumas personagens femininas reproduzem os dispositivos do patriarcado enquanto que outras colocam em questão a ordem patriarcal, a poligamia e o casamento arranjado. Em seu último filme de longa metragem, Ousmane Sembène tratou da violência física e simbólica em torno da excisão em meninas²⁵. Entretanto, a sua crítica a certas tradições africanas não se reduz a um antagonismo simplista entre tradição e modernidade, como bem assinalou Bouba Tabti-Mohammedi (2014, p. 31). Para o escritor e cineasta senegalês, os valores do passado não devem ser conservados em nome de uma tradição ou de uma suposta autenticidade africana, nem rejeitados em bloco, mas submetidos a uma crítica social para que possam ser atualizados ou não no presente²⁶. Como os seus filmes, os seus romances e as suas novelas interpelam o público espectador e o leitor respectivamente diante de um legado africano. A tradição se torna assim um recurso para triagem em tempos de modernidade reflexiva. O patriarcado africano seria um desses legados nocivos que Ousmane Sembène denunciou em seus romances, novelas e filmes.

²⁵ Sobre esse filme e a visão feminista do cineasta, ver a entrevista concedida para Jared Rapfogel e Richard Porton (BUSCH; ANNAS, 2008).

²⁶ Essa ideia remete a Bertold Brecht como apontou Bouba Tabti-Mohammedi (2014, p. 75).

A partir da narrativa dos infortúnios de Noumbé, de Yacine e de Nafi, o público leitor pode entender o drama de mulheres emaranhadas nas teias do patriarcado africano. Noumbé vive as agruras de uma terceira esposa desprezada pelo marido, assim como as três primeiras esposas de Souleymane. A jovem Yacine é obrigada a casar com um velho de quem não gosta, e Nafi experimenta a desilusão de um casamento arranjado, causa de sua imigração, de sua pobreza e de sua infelicidade. Os pais de Yacine e de Nafi receberam dinheiro dos respectivos maridos. O casamento arranjado revela um mercado matrimonial, por isso o pai de Yacine não quer que a filha deixe o marido e volte para a casa paterna, pois ele não tem como devolver o dote²⁷.

Assim como Diouana, Nafi sonhava com a França. Porém, as duas mulheres acabam por nada conhecer daquele país. Se Diouana é confinada ao espaço doméstico e à dependência de empregada de um apartamento na comuna de Antibes, na *Côte d'Azur*, Nafi se vê enclausurada entre as paredes de um pequeno quarto de hotel em Marselha. A frustração de ambas vai de par com a desilusão com quem as acolheu. A patroa de Diouana não se comporta mais como outrora em Dacar. Parece não ser mais a mesma pessoa. O marido de Nafi também não parece o mesmo da fotografia. Ela percebe logo que foi enganada, inclusive pelo próprio pai.

A frustração de imigrantes africanas é tema principal das novelas “La Noire de...” e “Lettres de France”. A primeira tem um desfecho trágico, mas a morte de uma doméstica negra não era matéria para primeira página na avaliação dos jornalistas. Uma breve notícia do suicídio foi publicada na página quatro, sexta coluna: “Em Antibes, uma negra nostálgica corta a garganta” (SEMBÈNE, 2013, p. 184)²⁸. A insignificância da nota no jornal espelha o racismo e quiçá o machismo²⁹. O detalhe desse racismo no final de “La Noire de...” e que se esconde num *fait divers* está ausente na versão cinematográfica, assim como o poema “Nostalgia” no final da novela. Já a segunda novela referida acima termina com o anúncio do retorno de Nafi à sua terra natal.

Essas personagens femininas das novelas de *Voltaire* têm ainda em comum o trabalho doméstico não remunerado. Na França, Diouana recebe um salário de 3.000 francos C.F.A., mas trabalha muito mais do que antes. Ela tem consciência da mais valia³⁰. Tornou-se

²⁷ Texto original: “- Souviens-toi, ma fille, Souleymane a énormément fait de dépenses, et si tu le quittais sans raison – je veux dire sans raison valable – il faudrait rembourser... J’en suis incapable”.

²⁸ Texto original: “A Antibes, une Noire nostalgique se tranche la gorge”.

²⁹ A novela foi inspirada por um *fait divers* publicado no jornal *Midi de la France* (VIEYRA 2012, p. 58).

³⁰ Texto original: “Je suis cuisinière, bonne d’enfants, femme de chambre, je lave et repasse, et j’ai que 3.000 francs C.F.A. par mois. Je travaille pour six”.

cozinheira, babá, lavadeira, engomadeira, passadeira e ainda se ocupava de sete pessoas, já que a irmã da sua patroa veio morar na casa. Para o escritor senegalês, o trabalho doméstico não pago de Diouana, de Nafi, de Noumbé e de Yacine se encontra no centro do problema da alienação dessas mulheres e, por conseguinte, de sua emancipação. É nesse sentido que a tomada de consciência das mulheres é tema recorrente desde o seu terceiro romance (SYLLA, 2008). No entanto, a tomada de consciência das mulheres vai além de uma consciência de classe. Trata-se ainda de uma consciência do racismo, no caso de Diouana, da gerontocracia, no caso de Nafi e de Yacine, e das relações de gênero quando as mulheres são reduzidas a “brinquedo dos homens”, no caso de Noumbé e das demais já referidas.

Considerações finais

Ousmane Sembène trabalhou mais de dez anos no porto de Marselha³¹. Conviveu com africanos e africanas cujas vidas inspiraram alguns de seus personagens masculinos e femininos de romances como *Le Docker noir* e novelas como “Lettres de France”. Em Marselha, o escritor senegalês se tornou um pensador marxista e, embora tenha deixado o Partido Comunista Francês em 1960, seguiu sendo um militante através da sua arte (GADJIGO, 2013, p. 178; TABTI-MOHAMMEDI, 2014, p. 23). Como novelista, Ousmane Sembène atentou para o trabalho não pago de mulheres africanas e cujas atividades, como cuidar da casa, do marido e dos filhos, eram naturalizadas como atribuições de toda mulher esposa e mãe.

Procurei mostrar, a partir de três novelas, como o patriarcado africano foi tratado na prosa sembeniana enquanto um fato social. Essas novelas de Ousmane Sembène contêm um distanciamento crítico, que não se livra das implicações morais da distância, mas abre uma perspectiva nova para a reflexão e para a causa feminista.

As suas personagens femininas apresentam ambiguidades e contradições, mas elas adquirem também uma consciência de sua condição social, de gênero e mesmo geracional. Algumas se resignam como as velhas esposas de Souleymane; outras resistem e desafiam as instituições como as jovens Yacine e Nafi, e há ainda aquelas cujo sofrimento redundava em desfecho trágico como Diouana e Noumbé.

As novelas de *Voltaïque* (1962) que tratam da poligamia ou dos casamentos arranjados demonstram, sem fatalismo, como o patriarcado africano se reproduz na vida cotidiana e como as personagens femininas tomam consciência da condição subalterna que lhes reserva a

³¹ Sobre a sua vida de estivador no porto de Marselha, ver Gadjigo (2013, p.157-170) e Boubou Tabti-Mohammed (2014, p. 19-23).

estrutura patriarcal da sociedade. A prosa sembeniana evidencia, ainda, como certas instituições de uma África pré-colonial se atualizaram durante o colonialismo e mesmo na África pós-colonial. Ao mesmo tempo, as suas novelas fomentam um questionamento a partir de um distanciamento crítico, tributário daquele “estranhamento” que Bertolt Brecht (1898 -1956) provocava com a sua dramaturgia e que tanto inspirou Ousmane Sembène ao abordar temas como a poligamia e de um modo que o público leitor não fosse levado a uma mera identificação emocional ou não-reflexiva com as personagens³².

As novelas de Ousmane Sembène se inscrevem numa literatura como missão emancipadora para homens e mulheres. Embora a prosa sembeniana não tenha dado conta da pluralidade de formas e de modelos matrimoniais na África (MARCOUX; ANTOINE, 2014), ela tem o mérito de introduzir na literatura africana um questionamento certo do patriarcado africano.

Referências

- ADICHE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- AGONE, Odome. *Femmes noires francophones - Une réflexion sur le patriarcat et le racisme aux XXe-XXIe siècles*. Paris: Hermann, 2021.
- BÂ, Mariama. *Une si longue lettre*. (1 ed. 1979). Paris: Rocher, 2013.
- BOURHANE, Hassane. *L'œuvre littéraire et cinématographique de Sembène Ousmane face à ses lecteurs*. Thèse (Doctorat en littérature générale et comparée), Université de Cergy-Pontoise, Paris, 2008.
- BOVÉ, Bruno. Sembène Ousmane (1923-2007), une biographie. *Africultures*, n.76, p.26-45, 2009.
- CORREA, Sílvia Marcus de Souza. Ousmane Sembène: uma África traduzida em palavras e imagens. In: CARVALHO FILHO, Sílvia de Almeida; NASCIMENTO, Washington Santos(orgs.). *Intelectuais das Áfricas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, p. 169-202.
- DIAGNE, Ismaïla. *Les sociétés africaines au miroir de Sembène Ousmane*. Paris: L'Harmattan, 2004.
- DIOP-HASHIM, Aïssatou. “Sanni Kaddu”. À la découverte du discours féministe au Sénégal. Dissertation (Doctorate in Philosophy). Faculty of Graduate School of the

³² Esse distanciamento crítico inspirado em Brecht, ou melhor, aquilo que o dramaturgo alemão denominou de efeito de estranhamento (*Verfremdungseffekt*) é válido tanto para a literatura quanto para o cinema de Ousmane Sembène (TABTI-MOHAMMEDI, 2014, p. 32; BOVÉ, 2009, p. 42).

University of Maryland, Mayland, 2011.

FEDERICI, Silvia. *Le capitalisme patriarcal*. Paris: La Fabrique, 2019.

FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta*. São Paulo: Elefante, 2019.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.

GADJIGO, Samba. *Ousmane Sembène. Une conscience africaine*. Paris: Présence Africaine, 2013.

GADJIGO, Samba. Ousmane Sembène: Les enjeux du cinéma et de la littérature. In: NYANG, Sada. *Littérature et cinéma en Afrique francophone: Ousmane Sembène et Assia Djébar*. Paris: L'Harmattan, 1996, p. 111-121.

McDONALD, Patrick. The Power of (Third World) Women: Liberation and Limits in “God’s Bits of Wood”. *Research in African Literatures*, v. 46, n. 3, Indiana University Press, p. 146–64, 2015.

MARCOUX, Richard; ANTOINE, Philippe. *Le mariage en Afrique*. Pluralité des formes et des modèles matrimoniaux. Québec: Presses de l’Université du Québec, 2014.

MBENGUE, Papa W. *Sembène Ousmane: Récit écrit et récit filmique*. These (Doctorat de 3e cycle), Université de Paris X – Nanterre, 1982.

MURPHY, David. *Imagining Alternatives in Film and Fiction-Sembène*. Oxford: Africa World Press Inc., 2001.

RAPFOGEL, Jared; PORTON, Richard. The Power of Female Solidarity (2004). In: BUSCH, Annett; ANNAS, Max (eds.) *Ousmane Sembène Interviews*. Mississippi: University Press of Mississippi, 2008, p. 197-209.

RUFA’I, Ahmed. *L’image de la femme africaine dans l’œuvre d’Ousmane Sembène*, (M.A), Université de Sherbrooke, 1983.

SALL, Abdoulaye. *La critique religieuse dans l’oeuvre romanesque de Sembène*. Thèse (Doctorat 3e cycle), Dakar: UCAD, 2007.

SEMBÈNE, Ousmane. *Voltaïque, suivi de La Noire de...* (1ed. 1962). Paris: Présence africaine, 2013.

SYLLA, Fanta. *Le Processus de la prise de conscience des personnages féminins de Bertolt Brecht (La Mère) et d’Ousmane Sembène (Les Bouts de Bois de Dieu): Une approche genre ?*Thèse (Doctorat 3e cycle), Dakar: UCAD, 2008.

TABTI-MOHAMMEDI, Bouba. *Sembène Ousmane. Les Bouts de bois de Dieu (étude critique)*. Paris: Éditions Champion, 2014.

THIAM, Awa. *La parole aux négresses*. Paris: Editions Denoël-Gonthier, 1978.

TOMAM, Cheryl. Le “dit” et le “non-dit” dans les *lettres* de Calixthe Beyala, BOUSTANI,

Carmen. (éd.), *Aux frontières des deux genres*. En hommage à Andrée Chedid. Karthala, 2003, p. 297-306.

VIEYRA, Paulin Soumanou. *Ousmane Sembène cinéaste: Première période, 1962 - 1971*. (1ed. 1972) Paris: Présence Africaine, 2012.

Recebido em: 02/08/2021

Aceito para publicação em: 19/10/2021